

PONTIFÍCIO ATENEU SANTO ANSELMO
Faculdade de Teologia
INSTITUTO SÃO PAULO DE ESTUDOS SUPERIORES

LIVRO DE ECLESIASTES

Domingos Almeida
Gardy Denis
Isaac Ouma
Maximilien Myrthil
Michael Kwabi Opoku
Yulles Morais Da Vitória
Ueslei Cruz De Carvalho

LITERATURA SAPIENCIAL

Prof. Dr. Shigeyuki Nakanose

São Paulo, 2025

Introdução

O livro de Eclesiastes é um dos mais instigantes e desafiadores da Bíblia. Ele pertence à tradição sapiencial, assim como Provérbios e o livro da Sabedoria, mas se diferencia pelo tom realista, crítico e, muitas vezes, desconcertante. Sua linguagem filosófica e poética coloca em debate questões universais: qual o sentido da vida? Para que serve o esforço humano? Vale a pena buscar a sabedoria, a riqueza e o prazer se, no final, todos têm o mesmo destino — a morte?

Essas perguntas ecoam até hoje, mostrando que Eclesiastes não é apenas um texto religioso do passado, mas um livro de profunda atualidade. Sua voz ressoa como a de alguém que experimentou muito, refletiu sobre tudo e chegou à conclusão de que a existência humana, por si mesma, é limitada e transitória.

Contudo, apesar de suas observações duras e de suas críticas ao mundo, Eclesiastes não se resume ao pessimismo. Ele também ensina a reconhecer a beleza da vida e a aceitar o presente como dom de Deus. Sua espiritualidade está marcada pelo realismo: não se trata de negar a fragilidade da vida, mas de viver com sabedoria dentro dela.

Este trabalho pretende apresentar os principais elementos do livro de Eclesiastes. Dividiremos nossa reflexão em cinco grandes partes: quem é Eclesiastes, a realidade histórica e social do livro, sua mensagem teológica e espiritual, redação literária, e, por fim, sua estrutura. Ao final, mostraremos como esta obra bíblica, escrita há mais de dois mil anos, ainda conserva uma mensagem profundamente válida para o ser humano contemporâneo.

Quem é autor

O nome “Eclesiastes” deriva do termo hebraico *Qohelet*, que significa literalmente “aquele que reúne” ou “aquele que convoca a assembleia”. Em grego, a tradução deu origem a *Ekklesiastés*, e em latim ficou conhecido como *Ecclesiastes*. Esse título não corresponde a um nome próprio, mas a uma função: a de mestre, pregador ou sábio que fala diante de uma comunidade.

Durante séculos, a tradição judaico-cristã identificou o autor com o rei Salomão, filho de Davi. Isso porque o texto traz referências à grande sabedoria, às riquezas e ao poder real (Ecl 1,1.12; 2,4-9), que lembram as tradições sobre Salomão. Porém, os estudiosos atuais consideram essa atribuição mais como um recurso literário do que como realidade histórica.

O autor, ao assumir a figura de Salomão, reforça a autoridade de suas palavras, pois Salomão é lembrado como o “rei sábio” por excelência. Essa técnica literária era comum no mundo antigo: atribuir uma obra a um personagem célebre para dar-lhe prestígio. O importante, entretanto, não é saber o nome exato do autor, mas compreender que “Eclesiastes” representa uma voz sapiencial que reflete sobre a vida de forma crítica e profunda.

Podemos, portanto, afirmar que Eclesiastes é menos um indivíduo e mais um símbolo. Ele encarna a experiência humana universal de alguém que observou o mundo com atenção, experimentou diferentes caminhos e, por meio de sua reflexão, partilhou com a comunidade o que descobriu. O mestre de Eclesiastes se torna porta-voz da humanidade em sua busca pelo sentido da existência.

A realidade do Eclesiastes

O contexto em que o livro foi escrito ajuda a entender seu tom questionador. A maioria dos estudiosos situa a redação do Eclesiastes entre os séculos IV e III a.C., no período chamado pós-exílico. Israel já havia retornado do cativeiro babilônico, mas vivia sob o domínio de grandes impérios, como o persa e, mais tarde, o grego.

Esse contato com a cultura helenística trouxe novas formas de pensar. O povo de Israel já não vivia isolado, mas estava inserido em um ambiente multicultural. Filosofias como o estoicismo e o epicurismo, que também refletiam sobre a brevidade da vida e a busca da felicidade, circulavam nesse período. Isso influenciou a forma como o autor do Eclesiastes formulou suas reflexões.

No campo social, havia desigualdades marcantes. Enquanto alguns acumulavam riquezas e poder, outros trabalhavam duramente sem colher os frutos. O autor observa essa realidade e denuncia a injustiça: muitas vezes o

justo sofre, enquanto o ímpio prospera. O esforço humano parece inútil diante da morte, que não poupa nem ricos nem pobres, nem sábios nem tolos.

É nesse cenário que surge a famosa frase: “Vaidade das vaidades, tudo é vaidade” (Ecl 1,2). O termo hebraico *hebel*, traduzido como “vaidade”, significa literalmente “sopro”, “névoa” ou “vapor”. É uma imagem que expressa fragilidade, brevidade e falta de consistência. Assim, o autor descreve a vida humana como algo transitório, difícil de compreender ou de controlar.

Essa constatação não leva, porém, a um niilismo absoluto. O mestre reconhece que, dentro dessa realidade passageira, ainda há espaço para alegria. Comer, beber, trabalhar, amar e conviver são dons de Deus. A realidade que Eclesiastes descreve é, portanto, ambígua: marcada pela frustração diante da morte e das injustiças, mas também pela possibilidade de viver o presente com gratidão.

Mensagem do livro

A mensagem central do livro de Eclesiastes é a reflexão sobre o tempo. Em Eclesiastes 3,1-8 encontramos a famosa passagem que afirma que “há um tempo para cada coisa debaixo do céu”: tempo de nascer e tempo de morrer, de plantar e de colher, de chorar e de rir. Essa visão mostra que o ser humano não tem domínio total sobre sua própria vida. Os acontecimentos se sucedem conforme a vontade de Deus, e ao homem cabe reconhecer seus limites diante do mistério do tempo e da existência.

Contudo, Eclesiastes não se resume a uma visão pessimista. Embora inicie com a famosa sentença “Vaidade das vaidades, tudo é vaidade” (Ecl 1,2), sua mensagem ultrapassa a constatação da fragilidade humana. O autor, conhecido como Qohelet, mostra que, mesmo na transitoriedade da vida, existe espaço para a alegria e para a gratidão. Comer, beber, trabalhar e conviver são dons que Deus concede ao ser humano (Ecl 2,24; 3,12-13), e devem ser aceitos com simplicidade. A obra, portanto, não convida ao desespero, mas ao reconhecimento de que a felicidade está no cotidiano, nas pequenas experiências que se tornam significativas quando vistas como dádivas do Criador.

Esse ensinamento é de grande valor, pois relativiza as falsas seguranças que muitas vezes dominam a vida humana. O Pregador adverte contra a ilusão das riquezas, do poder e do prazer desmedido (*Ecl* 5,9-11; 6,1-2). Ele insiste que tais realidades são incapazes de satisfazer plenamente o coração humano e de oferecer sentido definitivo à existência. Tudo o que é terreno é passageiro e não ultrapassa os limites da morte. Nesse ponto, Qohelet mostra uma sabedoria universal, válida tanto para o seu tempo quanto para o mundo contemporâneo, marcado pelo consumismo e pelo individualismo. A busca desordenada por bens materiais gera frustração, pois não toca a dimensão mais profunda da vida: a comunhão com Deus.

É nesse horizonte que se encontra a conclusão decisiva do livro: “Teme a Deus e observa os seus mandamentos, porque isso é tudo para o homem” (*Ecl* 12,13). Aqui está a síntese da espiritualidade de *Eclesiastes*. O temor a Deus não significa medo paralisante, mas respeito, reverência e consciência da dependência do Criador. É uma atitude de humildade diante da grandeza divina, que orienta a vida para o que é essencial. Murphy destaca que essa afirmação final dá sentido à toda a obra, pois coloca as reflexões existenciais no quadro da fé e da obediência a Deus.

Do ponto de vista pastoral, essa mensagem continua extremamente atual. Num tempo em que muitos buscam segurança em conquistas tecnológicas, em prestígio ou em bens materiais, *Eclesiastes* recorda que tais elementos são frágeis e não garantem felicidade. A vida adquire seu verdadeiro valor quando vivida como dom, na gratidão e no temor de Deus. O livro convida a cultivar uma espiritualidade realista: reconhecer as limitações do tempo e da existência, mas, ao mesmo tempo, usufruir das pequenas alegrias diárias como manifestações da bondade divina.

Assim, as mensagens de *Eclesiastes* ensinam o equilíbrio entre duas dimensões complementares: a consciência da brevidade da vida e a valorização daquilo que é simples e essencial. Longe de ser um livro de pessimismo, trata-se de uma obra profundamente sábia, que nos desafia a olhar para a vida com realismo e fé. Reconhecendo a transitoriedade das coisas, evitando ilusões passageiras e colocando nossa confiança em Deus, descobrimos que a existência humana, embora breve, pode ser plena de sentido.

Redação

O livro de Eclesiastes é especial por causa do jeito como foi escrito. Sua redação é muito rica, pois não segue um único estilo. Em algumas partes, ele parece poesia, em outras, lembra os provérbios curtos e cheios de sabedoria (Ecl 7,1-14). Há também reflexões longas, quase como desabaços (Ecl 2,1-11), e até frases que soam como contradições (Ecl 3,1-8), mas que, na verdade, mostram a complexidade da vida. O autor escreve como se estivesse em uma conversa consigo mesmo, pensando em voz alta, registrando suas experiências, dúvidas e conclusões. Isso dá ao livro um tom bem íntimo e humano, como se fosse um diário onde se fala com sinceridade sobre alegrias, tristezas e incertezas.

O que torna Eclesiastes tão atual é justamente esse jeito de olhar para a vida de forma honesta. O autor não tem medo de expor seus questionamentos sobre o sentido da existência (Ecl 1,2-11), sobre o valor do trabalho (Ecl 2,18-23), sobre as injustiças do mundo (Ecl 4,1-3) e até sobre a brevidade da vida (Ecl 12,1-8). Ao mesmo tempo, ele também reconhece a importância de aproveitar os pequenos momentos (Ecl 3,12-13), de viver com sabedoria (Ecl 7,19-20) e de confiar em Deus (Ecl 12,13-14). Essa mistura de poesia, reflexão e experiência pessoal faz do livro um texto profundo, mas muito próximo da realidade de cada ser humano.

Estrutura

O livro de Eclesiastes é uma das obras mais profundas e reflexivas da literatura sapiencial bíblica. Sua estrutura apresenta uma sequência de meditações sobre o sentido da vida, a transitoriedade das coisas humanas e a busca pela verdadeira sabedoria. Diferente de outros livros sapienciais, Eclesiastes adota um tom filosófico e existencial, que dialoga com as inquietações universais do ser humano.

O texto organiza-se em seis grandes partes, que formam um caminho de reflexão. O prólogo (1,1–11) introduz o tema central a “ vaidade das vaidades ” e estabelece o tom realista da obra. Em seguida, a busca de sentido (1,12–2,26) apresenta a experiência pessoal de Qohelet, que investiga o valor do saber, do prazer e do trabalho, reconhecendo que somente em Deus há verdadeira alegria.

A terceira parte, “O tempo e os limites da vida humana” (3,1–5,20), reflete sobre a inevitabilidade do tempo e convida à aceitação serena da existência. A quarta seção, “As frustrações e injustiças da existência” (6,1–8,17), aprofunda a observação das contradições da vida e mostra que a sabedoria humana é limitada diante dos mistérios divinos. Já em “A incerteza do futuro e a alegria da vida” (9,1–11,6), Qohelet convida o leitor a viver com equilíbrio, desfrutando dos dons da vida com prudência e gratidão. Por fim, a exortação final e o epílogo (11,7–12,14) encerram o livro com uma síntese moral e espiritual: o ser humano encontra sentido pleno apenas no temor de Deus e na observância de seus mandamentos.

1. Prólogo: o tema da vaidade (1,1–11)

Os versículos iniciais apresentam o narrador, “Qohelet, filho de Davi, rei em Jerusalém”, e enunciam o tema central: “Vaidade das vaidades, tudo é vaidade.” Este prólogo estabelece o tom filosófico da obra, destacando a transitoriedade das realizações humanas e a repetição cíclica da existência.

2. A busca de sentido (1,12–2,26)

Nesta seção de caráter autobiográfico, Qohelet narra sua tentativa de encontrar sentido nas experiências humanas. Ele explora o saber, o prazer, a riqueza e o trabalho, mas conclui que nenhum deles oferece uma satisfação duradoura. O autor reconhece que a verdadeira alegria provém do dom de Deus, e não do esforço humano isolado.

3. O tempo e os limites da vida humana (3,1–5,20)

Esta parte inicia com o célebre poema: “Para tudo há um tempo determinado debaixo do céu.” A reflexão centra-se nos limites do ser humano diante dos desígnios divinos. Qohelet observa a injustiça, a opressão e as contradições da vida, mas convida à aceitação serena e à gratidão pelos dons concedidos por Deus.

4. As frustrações e injustiças da existência (6,1–8,17)

Qohelet reconhece as incoerências da realidade: a riqueza não garante felicidade, e tanto o sábio quanto o insensato enfrentam o mesmo destino. Embora a sabedoria tenha valor, ela não é suficiente para compreender os

mistérios da vida. O autor destaca a necessidade de humildade diante da vontade divina, que ultrapassa o entendimento humano.

5. A incerteza do futuro e a alegria da vida (9,1–11,6)

Diante da certeza da morte, Qohelet enfatiza a importância de aproveitar a vida enquanto há tempo. Ele propõe uma atitude equilibrada: alegrar-se com o trabalho e com as pequenas coisas, sem se deixar dominar pela ilusão da autossuficiência. O verdadeiro sábio é aquele que vive com alegria, prudência e consciência da dependência de Deus.

6. Exortação final e epílogo (11,7–12,14)

Os capítulos finais apresentam um poema sobre a juventude e a velhice, convidando o leitor a “lembrar-se do Criador nos dias da juventude.” A passagem reflete sobre a brevidade e a fragilidade da vida humana. O epílogo resume toda a mensagem do livro em uma afirmação teológica fundamental: “Teme a Deus e observa os seus mandamentos, porque isso é o essencial para o ser humano.”

Essa conclusão confere uma dimensão espiritual e moral à reflexão de Qohelet, conciliando o realismo da existência com a fé e a reverência a Deus.

A estrutura do Eclesiastes revela um movimento que vai da interrogação existencial à sabedoria espiritual. O livro conduz o leitor do reconhecimento da vaidade e da limitação humanas até a convicção de que apenas a relação fiel e reverente com Deus confere sentido e permanência à vida.

Conclusão

Eclesiastes é um livro de grande valor espiritual e humano. Ao invés de apresentar respostas prontas, ele nos convida a refletir sobre as perguntas fundamentais da existência. Sua atualidade está justamente no fato de não fugir das contradições da vida, mas enfrentá-las com honestidade.

Em um mundo marcado pelo consumismo, pela busca incessante de prazer e pela pressa, Eclesiastes é uma voz que nos lembra da brevidade da

vida. Ele nos convida a viver cada dia como dom de Deus, a valorizar o simples e a colocar nossa confiança no Criador.

A grande lição do livro é que, mesmo diante da vaidade de todas as coisas, é possível viver com alegria, gratidão e fé. Reconhecer nossos limites não nos diminui, mas nos liberta da ilusão de sermos donos da vida. Assim, *Eclesiastes* continua sendo um guia para viver com sabedoria, humildade e serenidade diante de Deus.

Referências

BÍBLIA de Jerusalém. Nova edição revista. São Paulo: Paulus, 2002.

MARQUES, Maria Antônia. *Aprendendo com a vida: uma introdução ao livro de Eclesiastes*. Disponível em: <https://www.vidaemissao.com>. Acesso em: 2 set. 2025.

ALONSO SCHÖKEL, Luis. *Dicionário Bíblico Hebraico-Português*. São Paulo: Paulus, 1997.

PERDUE, Leo G. *Introdução à sabedoria no Antigo Testamento*. São Paulo: Paulus, 2005.

VON RAD, Gerhard. *Sabedoria em Israel*. Petrópolis: Vozes, 1970.

A BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2015.

FOX, Michael V. *A Time to Tear Down and a Time to Build Up: A Rereading of Ecclesiastes*. Grand Rapids: Eerdmans, 1999.

MURPHY, Roland E. *Ecclesiastes (Word Biblical Commentary, vol. 23A)*. Dallas: Word Books, 1992.

WRIGHT, N. T. *O Antigo Testamento e o Povo de Deus*. São Paulo: Paulus, 2007.

STORNIOLO, Ivo. *Como ler o Eclesiastes: O homem que viu a vida*. São Paulo: Paulus, 2000.